

## DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O REALISMO NA DÉCADA DE 1930 AS DIVERGÊNCIAS NAS ANÁLISES DE ASTROJILDO PEREIRA E LÚCIA MIGUEL PEREIRA DO ROMANCE *VERTIGEM*

**Jaqueline Borges de Queiroz**  
(PPGTHL/Unicamp – Mestrado)

### INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

**Jaqueline Borges de Queiroz** é formada em Letras - Licenciatura Português pela Universidade Estadual de Campinas. Entre 2011 e 2012 foi aluna do Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProFIS), também na Unicamp. Em 2012, ao fazer Iniciação Científica na área de Teoria e Crítica Literária, pesquisou a fortuna crítica do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Em 2016, em sua segunda Iniciação Científica, pesquisou o papel dos personagens-escritores dentro da obra ficcional de Erico Verissimo. Atualmente, faz Mestrado Acadêmico pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas. Sua pesquisa busca compreender o papel do realismo no engajamento literário através de um personagem-escritor de Erico Verissimo criado na década de 1930. E-mail: [jaquelineb820@gmail.com](mailto:jaquelineb820@gmail.com)

RESUMO	ABSTRACT
<p>Era comum, na década de 1930, que os críticos literários brasileiros avaliassem as obras fortemente influenciados pelo viés ideológico, como já foi destacado por autores como Bueno (2006), Candido (1987) e Lafetá (2000). Alguns, geralmente adeptos da esquerda, costumavam ressaltar apenas os aspectos sociais dos romances; outros, simpatizantes da direita, atribuíam valor aos livros de acordo com o aprofundamento psicológico dos personagens. No entanto, apesar das diferenças, é possível perceber a valorização do realismo nos dois lados, o que provavelmente ocorreu devido ao desejo que havia entre intelectuais do período de expor os problemas do país. Tendo isso em vista, este artigo demonstra as diferenças nas concepções de realismo de Astrojildo Pereira e Lúcia Miguel Pereira, dois importantes críticos da década de 1930, por meio de suas respectivas análises do livro <i>Vertigem</i> (1934), de Gastão Cruls. Ambos os críticos ressaltaram o caráter realista do livro, mas enquanto o primeiro creditou este caráter a uma abordagem social, a segunda argumentou ser justamente o tratamento intimista dado pelo autor aos personagens o fator responsável pela aproximação da obra à realidade.</p>	<p>It was common, during the 1930's, for Brazilian literary critics to evaluate works strongly influenced by their ideological bias, as demonstrated by authors like Bueno (2006), Candido (1987) and Lafetá (2000). Some of them, generally left-wingers, used to accentuate only the social aspects of the novels; others critics, sympathizers of the right-wing, valued books according to the psychological deepening of the characters. However, despite the differences between them, it was possible to notice the appreciation of the realism on both sides, what probably happened seeing that there was, in this period, the desire of exposing the country's problems among intellectuals. With this in mind, this article demonstrates the differences between the conceptions of realism of Astrojildo Pereira and Lúcia Miguel Pereira, two important critics of the 1930's, through their analysis of the book <i>Vertigem</i> (1934), by Gastão Cruls. Both critics emphasized the realistic characteristic of the book, but whereas the first one attributed this characteristic to a social approach, the second one argued that it is exactly the intimist treatment given by the author to the characters what is responsible for the approximation of the work to reality.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Crítica literária brasileira; Realismo; Década de 1930; Astrojildo Pereira; Lúcia Miguel Pereira.	Brazilian literary criticism; Realism; The 1930's; Astrojildo Pereira; Lúcia Miguel Pereira.

## INTRODUÇÃO

A década de 1930 ficou marcada como um período de importantes mudanças políticas, sociais e históricas. Com a ascensão do comunismo e do fascismo, uma intensa polarização política se instaurou em diversos países do mundo: partidos alinhados ideologicamente à esquerda levantavam a bandeira do antifascismo, enquanto partidos considerados de direita levantavam a do anticomunismo. Diante desse momento conturbado, muitos escritores, críticos e demais intelectuais sentiram a necessidade de aderir a um dos dois lados dessa divisão, filiando-se a partidos ou simplesmente transpondo para seus textos – seja de natureza jornalística, ensaística ou literária – seus ideários (DENIS, 2002).

No caso do Brasil, conforme destacado por Pécaut (1990), enquanto alguns intelectuais aderiram ao integralismo, uma doutrina de direita com elementos fascistas e enaltecida de valores católicos, outros se engajaram através da Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma frente de esquerda fundada pelo Partido Comunista Brasileiro. Ambos os movimentos tiveram como representantes dois importantes escritores da época: Plínio Salgado, no caso do integralismo, e Jorge Amado, no caso da ANL. Consequentemente, apesar de Bueno (2006) ter alertado que “à polarização política não correspondeu uma polarização literária propriamente dita” (p. 203), houve uma grande influência das disputas políticas na produção de diversas obras do período.

Na maior parte dos casos, os escritores adeptos da esquerda procuravam denunciar através de seus romances aspectos injustos da realidade brasileira, retratando as dificuldades enfrentadas pela classe proletária ou pelos habitantes das regiões mais pobres do país. É nesse contexto que surge a tematização do nordeste por romancistas como Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, por exemplo; e também a incitação à revolta dos trabalhadores por meio do chamado romance proletário, do qual Jorge Amado e Patrícia Galvão são os principais expoentes com seus romances *Cacau* (1933) e *Parque Industrial* (1933), respectivamente.

Apesar de não se poder reduzir a esquerda a um movimento uno e homogêneo, via de regra os intelectuais simpatizantes dessa vertente acreditavam que o país melhoraria com uma mudança em sua estrutura social, já que os meios de produção estariam concentrados nas mãos de poucos. Em contrapartida, os intelectuais católicos, geralmente simpatizantes da direita, defendiam que a crise era moral e espiritual: em busca do sucesso material, o mundo burguês havia abandonado a caridade cristã. Assim, acreditando que esse problema de natureza moral só se resolveria através de um olhar mais atento ao indivíduo, escritores e críticos como Octávio de Faria e Lúcio Cardoso

valorizavam o aprofundamento psicológico dos personagens nas obras (BUENO, 2006).

Essas perspectivas ganharam tanta relevância que diversas vezes se sobrepuseram à avaliação de aspectos formais das obras (CANDIDO, 1987). Muitos críticos literários ignoraram problemas estéticos de romances cuja temática estava alinhada as suas formas de pensar. Assim, intelectuais de esquerda como José Bezerra Gomes, Alberto Passos Guimarães e Jorge Amado, que atuaram de forma constante nas colunas de crítica dos jornais da época, costumavam louvar romances que abordavam a vida proletária ou denunciavam as mazelas dos pobres; enquanto intelectuais de direita como Octávio de Faria e Alceu Amoroso Lima geralmente condenavam as obras que ferissem de alguma forma a moral cristã.

É nesse contexto que surgem as críticas de Astrojildo Pereira (1890-1965) e Lúcia Miguel Pereira (1901-1959) ao livro *Vertigem*, de Gastão Cruls. O primeiro exercia um papel de destaque no cenário político do país, tendo fundado em 1922 o Partido Comunista Brasileiro. Em sua atuação como crítico literário, empregou, segundo Konder (1991), “as ideias de Marx no âmbito limitado de uma *sociologia da literatura*” (p. 17, grifos do autor). De fato, o teor político e marxista do seu trabalho crítico pode ser verificado nos ensaios reunidos no livro *Interpretações*, publicado em 1944, o qual conta inclusive com um estudo sobre Machado de Assis, um dos maiores ídolos de Astrojildo.

Já Lúcia Miguel Pereira, apesar de ter publicado quatro romances ao longo de sua vida (*Maria Luíza e Em Surdina*, 1933; *Amanhecer*, 1938; e *Cabra Cega*, 1954), ficou mais conhecida por seu trabalho como biógrafa de Machado de Assis e por seus ensaios críticos publicados em jornais como o *Boletim de Ariel* e a *Gazeta de Notícias*. Sua formação escolar e suas colaborações para a revista católica *A Ordem*, dirigida por Alceu Amoroso Lima, a aproximaram do catolicismo, mas, ao contrário do que ocorreu com muitos intelectuais da época, isso não significou para ela uma identificação com as políticas de direita. Não houve, da mesma forma, um apoio declarado aos ideais da esquerda: na verdade, Lúcia Miguel Pereira achava essa dicotomia redutora e se dizia contrária a qualquer um dos lados da polarização<sup>1</sup>.

Na análise do livro *Vertigem*, é possível notar, no entanto, que a ensaísta adotou uma postura comum aos intelectuais de direita católicos: a valorização do intimismo nas obras. Astrojildo Pereira, por sua vez, demonstrou o anseio de muitos intelectuais situados ideologicamente à esquerda por uma literatura sobretudo política e social. Contudo, apesar dessa diferença, um aspecto se sobressai nas críticas de ambos: a exaltação, por parte deles, da representação da realidade feita por Cruls.

---

<sup>1</sup> Em texto de 1936, Lúcia Miguel critica a divisão esquerda-direita: “Como se o mundo estivesse dividido em dois compartimentos estanques, de modo que quem escapasse de um cairia fatalmente no outro. Fatalidade que dispensaria de pensar, de refletir, de escolher em conhecimento de causa” (PEREIRA, [1936] 1992, p. 20). Nesse mesmo ensaio, diz considerar as duas vertentes ideológicas como “aberrações”.

Torna-se relevante entender, então, como esses críticos se apropriaram do realismo em um momento em que, segundo Lafetá (2000), ganhou importância sobremaneira a ligação entre ideologia e arte. Apesar de valorizarem aspectos distintos da obra, seja a representação de questões sociais do coletivo, seja a representação de problemas íntimos dos indivíduos; tanto Lúcia Miguel Pereira quanto Astrojildo Pereira avaliaram o romance usando como critério sua aproximação com o real e sua importância dentro daquele contexto sócio-histórico.

Partindo dessa valorização do caráter realista do romance *Vertigem* feita pelos dois críticos, este trabalho aponta as diferenças entre suas perspectivas, mapeando, a partir delas, diferentes expectativas para a abordagem do real nos romances. Além de revelar distintas concepções de realismo, espera-se demonstrar que a influência do viés ideológico nas críticas dificultou a percepção, por parte desses dois críticos literários, de aspectos importantes do livro de Gastão Cruls. Finalmente, há uma breve discussão sobre como essas diferentes concepções de realismo são reflexo de embates comuns no campo literário.

## A RECEPÇÃO DE VERTIGEM EM DOIS LADOS OPOSTOS

Apesar de sua formação em medicina, o carioca Gastão Cruls (1888-1959) interessou-se mais pela carreira literária, tendo publicado em 1920 *Coivara*, um livro de contos sobre suas experiências médicas, e, em 1925, seu primeiro e mais conhecido romance, *A Amazônia Misteriosa*. Cruls também publicou *Elsa e Helena* (1927), obra na qual é possível identificar traços da influência dos estudos psicanalíticos de Freud, então recentemente divulgados no Brasil (VIVOLO, 2017).

Entretanto, foi seu terceiro romance, *Vertigem*, publicado em 1934, que ganhou destaque em um ensaio crítico no qual foram mapeados os melhores romances do ano. A autora desse ensaio, Lúcia Miguel Pereira, classificou o livro como o primeiro “romance de psicologia” de Gastão Cruls. Com essa obra, o escritor teria se integrado “ao drama latente e amargo do cotidiano”, e assim ficado mais “sensível, mais perto da vida” (PEREIRA, [1934b] 1992). Curiosamente, o livro também chamou atenção de Astrojildo Pereira, mas por outro motivo: em crítica de 1935, o fundador do partido comunista ressaltou o caráter social da obra, que seria um verdadeiro retrato da desagregação da família burguesa (PEREIRA, [1935], 1944).

Evidentemente, a divergência no olhar lançado sobre a obra por cada um dos críticos pode ser explicada pelo clima de polarização política e politização literária que permeava a década. Lúcia Miguel Pereira, em sua firme objeção a uma literatura que se propusesse apenas panfletária, política ou social, defendia constantemente a importância

do aprofundamento psicológico dos personagens. Astrojildo Pereira, por outro lado, deixava claro que se interessava essencialmente pela investigação dos aspectos sociais dos livros (PEREIRA, [1935] 1944). Contudo, longe de apenas confirmar a valorização do intimismo por uns e do fator social por outros, as distintas perspectivas dos críticos também dão pistas de que o propósito de se aproximar da realidade na ficção foi apropriado de formas distintas pelas duas vertentes. Ademais, o fato do livro de Gastão Cruls ter sido bem avaliado pelos dois críticos pode ser um indício de que houve, por parte do autor, uma abordagem que uniu de forma orgânica a crítica social e o tratamento intimista dos personagens.

Em busca de compreender melhor esses pontos, cabe uma apresentação do enredo da obra antes de um detalhamento melhor dos textos dos dois críticos. *Vertigem* é protagonizado pelo Dr. Marcondes, um médico de meia idade que se dedica quase exclusivamente ao trabalho, buscando sempre se aperfeiçoar e manter sua reputação de profissional exemplar. A mudança em sua trajetória surge quando, ao visitar um paciente, apaixona-se por sua esposa, Clélia, uma mulher bem mais jovem. Apesar de ter uma família aparentemente bem estruturada, com uma esposa dedicada e quatro filhos já adultos, ele passa a desejar ter um caso com Clélia. A “vertigem” do título do livro faz referência ao fato do Dr. Marcondes pensar de forma tão intensa em sua amada que chega a quase adoecer, tendo sintomas físicos: “Era tão grande a sua transformação, tão violenta a onda de seiva nova que lhe subia pelos músculos, enchendo-lhe o coração, abrindo-se-lhe no cérebro em pensamentos rutilos, que ele começava a temer pela sua saúde”<sup>2</sup> (CRULS, 1934, p. 30).

A trama, no entanto, não gira em torno apenas dessa paixão proibida e, por sinal, não correspondida. Ganham também destaque os problemas que permeiam a relação familiar do protagonista, que se acidenta e é obrigado a deixar o trabalho enquanto se recupera, tendo então a oportunidade de observar sua esposa e filhos mais de perto. De cama, o Dr. Marcondes vai descobrindo aos poucos diversos infortúnios que atrapalham a tranquilidade de seu lar: o filho mais velho vive uma vida boêmia, sem compromissos, enquanto o mais novo está envolvido em militâncias políticas do Partido Comunista. A filha mais nova, por sua vez, está apaixonada por um americano divorciado, o que a faz ter constantes brigas com a mãe, D. Alice, que, preocupada com as aparências e evitando dar preocupações ao marido, lhe esconde todos esses problemas. Em suma, forçado a ficar em casa, o médico não demora a perceber a distância afetiva que, a despeito da proximidade espacial e do laço sanguíneo, o separa dos outros membros de sua família:

A verdade é que, olhando agora para aquela casa, a casa dos seus sonhos, a casa

---

<sup>2</sup> A ortografia desse trecho do livro, assim como de outros que aparecerão ao decorrer do trabalho, foi atualizada em relação à versão original.

que já fora todo seu encanto, vinha lhe a impressão de que se o prédio ainda era o mesmo e lhe pertencia, não era a mesma, não era a *sua*, a família que nele habitava. Quantas desilusões lhe estavam preparadas para aquela doença! Apenas doze dias de contato mais íntimo com os seus bastaram para lhe revelar uma mulher que nunca conhecera, uns filhos que sempre ignorara, enfim uma família que não era a dele como sempre imaginara. (CRULS, 1934, p. 174, grifo do autor)

Esse individualismo que afeta a família retratada no romance é justamente o ponto de partida das críticas de Lúcia Miguel Pereira e Astrojildo Pereira. Do ponto de vista do crítico marxista, a desunião da família é símbolo da decadência da burguesia enquanto classe, sendo o romance, assim, um “espelho da família burguesa” de então, como Astrojildo deixa claro no título de seu texto. Fazendo um levantamento das características dos personagens, o crítico os trata como representações, na ficção, de pessoas reais que pertencem às classes médias: “a psicologia da pequena humanidade que ali se move é universal, visível em qualquer latitude. Porque é uma psicologia de classe, psicologia de gente burguesa de qualquer país” (PEREIRA, [1935] 1944, p. 149).

O mérito atribuído à *Vertigem* por Astrojildo Pereira vem do fato do livro ser um “espelho” de uma realidade sobre a qual as teorias marxistas vinham alertando: como consequência do declínio da burguesia, o núcleo familiar burguês não mais se sustentava, seja do ponto de vista moral ou jurídico (PEREIRA, [1935] 1944, p.157). Em outras palavras, o livro serve como espécie de confirmação de uma realidade não aparente a todos, sendo por isso louvável. Mas não se trata apenas de copiar a realidade, como Astrojildo procura deixar claro:

(...) claro que não basta narrar o que se vê para que a narrativa se converta em romance. Na composição deste, além do elemento objetivo, entra também o *elemento subjetivo*, que vem a ser a qualidade do escritor, a sua capacidade de comunicar ao leitor a emoção sentida na criação da obra de arte. Preceito banal, bem o sabemos, e basta-me apenas lembrá-lo de passagem, pois o que me interessa aqui é somente verificar, digamos, sem pedantismo, o aspecto social do livro. (PEREIRA, [1935] 1944, p.146, grifo meu)

O papel do escritor, portanto, é conferir qualidade a esse retrato do real. Mas o crítico não deixa claro quais elementos, dentro de uma obra, permitem afirmar que o escritor conseguiu transmitir ao leitor a emoção sentida durante a composição artística. Em termos estéticos, não sabemos qual foi o diferencial dessa representação do real no romance de Gastão Cruls. Pode-se concluir apenas que o tema do livro e a caracterização dos personagens agradaram Astrojildo, e Cruls alcançou esse feito simplesmente por ter sido fiel à realidade ao escrever a história do Dr. Marcondes, desmascarando a falsa moralidade, hipocrisia e vícios da classe burguesa, mesmo que essa não fosse sua intenção principal:

Creio que o autor está longe de ser um revolucionário, e de certo não entraria nas suas intenções compor um livro cujas conclusões sociais pudessem ser taxadas de revolucionárias. Porém, objetivamente, assim é, salvo melhor juízo. Ao meu ver, este resultado decorre simplesmente da honestidade do escritor. Ele arquitetou o drama, dispôs os cenários, caracterizou os personagens – tendo sempre em vista a *realidade* que o cerca e que ele conhece de perto. Feito isso, a narrativa seguiu o seu curso natural, sem deformações nem enganos, isto é, com *honestidade*. (PEREIRA, [1935] 1944, p.146, grifos meus)

Ora, do ponto de vista de Astrojildo, se o real for observado com honestidade, e o escritor estiver em busca de verossimilhança, conseqüentemente irá acabar abordando a decadência moral, política e econômica da burguesia. A composição de um bom romance perpassa essa representação de um conjunto de episódios capazes de revelar o momento social, histórico e político pelo qual a sociedade passa, o que ocorrerá apenas se o romancista for honesto. Mesmo que não se trate de um escritor engajado ou de esquerda, e, de fato, não era o caso de Gastão Cruls, se for um “escritor de qualidade”, conseqüentemente, a exposição do que o crítico acreditava ser uma transformação histórica pela qual a sociedade passava naquele momento viria à tona.

Já Lúcia Miguel Pereira, também satisfeita com a representação da realidade e a caracterização dos personagens em *Vertigem*, exaltará o fato dos personagens continuarem a viver “além dos limites do livro” (PEREIRA, [1934a] 1992, p. 79). O final da história teria permitido ao personagem principal, assim como na vida, modificar-se e repensar suas atitudes, uma grande vitória da arte

porque representa uma *maior aproximação da realidade*. O romance, em geral, traça o desenrolar de uma crise; e as crises, mesmo as mais profundas, as mais sinceras, as mais pungentes, acabam por se esvanecerem. Sendo humanas, não podem deixar de ser efêmeras. Nem sempre os acontecimentos importantes marcam indelevelmente as almas. Modificam-nas, isso sim, mas por isso mesmo facilitam a sua renovação. (PEREIRA, [1934a] 1992, p. 79, grifo meu)

No caso do romance de Gastão Cruls, é o individualismo, a solidão do homem que está bem representada e permite imaginar uma continuidade para os personagens, afinal, após não ter sua paixão correspondida e desistir de manter relações com sua amada devido a uma doença da esposa, isto é, após o fim dos acontecimentos narrados pelo autor, o que permanecerá na vida do Dr. Marcondes é sua descoberta da “irremediável solidão do homem”, a “sensação de isolamento dentro do lar” (PEREIRA [1934a] 1992, p. 82). Essa descoberta, por permitir uma aproximação com a vida, em que as crises passam, mas modificam as almas, confere um caráter mais realista aos personagens de *Vertigem*.

A análise de Lúcia Miguel Pereira, dessa forma, não deixa de ter em vista uma

questão social: assim como no caso de *Astrojildo*, a dissolução da família. Entretanto, para a ensaísta o mérito do romance é tratar esse problema através do aprofundamento dos personagens: neste livro, Gastão Cruls “buscou o sal discreto dos fatos que se desenvolvem mais em profundidade do que em superfície” (PEREIRA [1934a] 1992, p. 81). Apesar de classificar a família do romance como essencialmente burguesa<sup>3</sup>, assim como *Astrojildo* Pereira fez, Lúcia Miguel não trata os entraves da relação familiar da trama como um problema de classe, mas como uma questão inerente às relações humanas, que se desenvolvem no plano interior assim como no exterior. O verdadeiro drama do livro, seria, então, “o drama da impenetrabilidade das almas, umas às outras, das surpresas que nos reservam as criaturas que melhor cremos conhecer” (PEREIRA [1934a] 1992, p. 81).

Seria a abordagem psicológica, afinal, a responsável por uma maior aproximação com a realidade. Daí a constatação de que, através desse “romance de psicologia”, o autor tivesse ficado mais sensível, mais próximo à vida (PEREIRA [1934b] 1992, p. 35). Dessa forma, na crítica à *Vertigem*, Lúcia Miguel Pereira revela sua preferência por uma abordagem mais intimista do real, reproduzindo novamente seu apelo, feito em vários ensaios na década de 1930, de que os personagens fossem tratados pelos escritores com mais aprofundamento, uma vez que “o humano sobrepuja o social” (PEREIRA [1935a] 1992, p. 43). Essa era sua defesa da *individualidade dos personagens* ou do *individualismo em arte*, termos por ela usados com frequência.

Tal ponto de vista, claro, não se desprendia das discussões feitas no período. Lúcia Miguel Pereira, como já dito, apesar de se negar a ser classificada como intelectual de direita, aproximava-se da perspectiva mais comum entre os escritores e críticos que se assumiam como tal: valorizava romances nos quais, em detrimento de uma abordagem coletiva ou sem aprofundamento dos personagens, o individual e psicológico fossem fator primordial. Suas críticas, portanto, sempre exaltavam os livros que, do seu ponto de vista, contribuíam para o desvendamento da alma humana, dos conflitos interiores, do drama do homem, das reações e emoções humanas.

Mas isso não significa que livros mais voltados ao tratamento dos aspectos sociais fossem desprezados pela ensaísta. À época da publicação de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, Lúcia Miguel Pereira reconhece na obra um caráter de humanidade que faz seu autor ser comparável a Dostoiévski:

A grande força do autor é a sua capacidade de fazer sentir a vida em potencial, a condição humana intangível e presente na criatura a mais embrutecida. Saber

---

<sup>3</sup> Em sua crítica, Lúcia Miguel Pereira opina: “o episódio mais romântico do livro – no sentido de ser o mais fértil em consequências – foi o momento em que Dr. Marcondes quebrou a perna, quando ia, muito burguesemente, percorrer a sua chácara, num burguesíssimo domingo de chefe de família exemplar.” (1935, p. 81)

descobrir essa riqueza escondida, pôr a nu esse filão, é afinal a grande tarefa do romancista. Dostoievski não fez outra coisa, Mauriac o tenta todos os dias. (PEREIRA, [1938] 1992, p. 122)

Do ponto de vista da ensaísta, apesar de *Vidas Secas* (1938) ter aparecido em um momento em que “o público já está meio cansado de histórias do nordeste” e “não se usa mais a miséria em literatura”, muito se perderia com a desvalorização do romance ao considerá-lo apenas um “documento humano”. Ora, Astrojildo Pereira, também fazendo uma crítica favorável ao livro, exalta-o justamente por abordar a miséria, pois segundo ele “os romancistas brasileiros, que fazem da miséria terrivelmente viva do nosso povo o tema central das suas obras, estão cumprindo o seu dever supremo.” (PEREIRA, [1938] 1944, p. 153).

Como é possível supor, geralmente os romances que conseguiam equilibrar bem o intimismo e o fator social agradavam tanto críticos que valorizavam mais o primeiro quanto o segundo aspecto. Esse foi o caso de *Vidas Secas* e também de *Vertigem*. A diferença é que o romance de Graciliano Ramos foi publicado em um momento em que, conforme os próprios críticos ressaltaram em seus textos, o romance social já estava “desgastado”; as histórias sobre o nordeste já haviam se tornado lugar comum, enquanto em 1934, ano de publicação de *Vertigem*, o romance social estava em alta. Ainda assim, *Vidas Secas* chamou atenção não somente de Astrojildo Pereira, mas teve seus aspectos humanitários e intimistas ressaltados por Lúcia Miguel Pereira; da mesma forma, *Vertigem*, mesmo não retratando as classes baixas e sendo mais intimista, foi alvo de elogios não somente da ensaísta, mas também de Astrojildo.

Contudo, apesar do bom senso demonstrado pelos dois críticos, que não deixaram de avaliar e reconhecer o mérito dessas obras porque elas se encaixavam (aparentemente) mais em uma abordagem social ou psicológica, as análises têm limitações que claramente indicam uma preocupação por parte deles em ressaltar apenas as características com as quais mais se alinhavam.

Nenhuma crítica, evidentemente, dá conta de toda riqueza de uma obra de arte, mas há aspectos que se sobressaem nas produções e não deveriam passar despercebidos. *Vertigem* é um romance bem trabalhado no sentido de unir de forma orgânica problemas que se apresentam como sociais e comuns às famílias de forma geral – como a tentativa de manter as aparências mesmo em lares desestabilizados, a dedicação excessiva ao trabalho, as condições precárias das classes baixas<sup>4</sup>, a tentativa de preservação da moralidade – e problemas de caráter mais íntimo, representados principalmente pelos dilemas e reflexões

---

<sup>4</sup> Apesar do foco do romance não ser a vida de personagens de classes baixas, há uma cena em que o Dr. Marcondes vai visitar a filha de uma empregada que fugiu com o namorado e a encontra doente e sem recursos financeiros, episódio que lhe revela uma pobreza pouco conhecida e marca a diferença de classes.

do Dr. Marcondes. O trecho a seguir, em que o personagem hesita em perguntar ou não à filha se ela estava apaixonada devido ao medo de fazê-la relembrar um antigo amor que havia falecido, demonstra essa organicidade:

Agora, no automóvel, ouvindo Licinha falar com entusiasmo de uma próxima reunião no Country Club, ele tivera ímpetos de interpelá-la a respeito. Não fosse ele, por imperdoável curiosidade, trazer à luz crua da realidade um sentimento até então escondido na penumbra do *subconsciente*, onde, lentamente, houvesse deitado raízes e de dia para dia se tornasse mais forte. Sem dúvida que se outra fosse a sua vida, menos absorvida pelos misteres da profissão, já ele talvez houvesse percebido sobre quem recaiam as simpatias de Licinha, mas a medicina tomava-lhe tanto tempo, tão afastado vivia ele ainda dos que lhe estavam mais próximos... (CRULS, 1934, p. 26, grifo meu)

Gastão Cruls faz o protagonista refletir sobre se deveria ou não interpelar a filha, afinal, ele poderia reabrir uma ferida que a atingira anos antes. Pensando a respeito, o Dr. Marcondes traça um perfil dela e de si próprio: Licinha, na ocasião entusiasmada, é uma pessoa ferida por um acontecimento trágico que a qualquer momento pode voltar à tona e entristecê-la novamente; ele, mesmo amando a filha, não conhece seus atuais desejos; isso porque vive afastado devido ao trabalho. O problema da distância entre os dois, que é apresentado através da dificuldade de comunicação, pode ser estendido a todos os membros da família do romance e, é razoável dizer, à sociedade. Trata-se de uma questão social, mas que também pode ser tratada do ponto de vista íntimo, particular a cada indivíduo. No caso de *Vertigem*, cada personagem está fechado em si, nas suas preferências, ambições e projetos. O Dr. Marcondes se preocupa com os filhos, mas seus pensamentos estão mais voltados ao seu objeto de paixão; já D. Alice, sua esposa, tenta controlar os membros da família devido ao seu desejo de manter as aparências; os filhos, por sua vez, não conseguem se integrar ao modelo de família desejado pela matriarca, mas por motivos diferentes, pois cada um tem sua personalidade própria.

*Vertigem* traz, em suma, uma amplitude de temas que resulta em episódios ora mais ora menos aprofundados por Gastão Cruls, mas que foi trabalhada de forma a conferir um tratamento intimista e social aos problemas humanos. Lúcia Miguel Pereira e Astrojildo Pereira, na ânsia de ressaltarem um dos dois aspectos, deixaram de atribuir esse mérito ao romance. Mas talvez o que chame mais atenção ao se ler o livro de Cruls e posteriormente as duas análises seja o fato de que nenhum dos críticos mencionou que *Vertigem* traz – e não de maneira secundária – uma abordagem para a o desejo do Dr. Marcondes que se apoia fortemente na psicanálise freudiana.

Um estudo mais recente sobre a obra, do pesquisador Vitor da Matta Vivolo, destaca essa particularidade não só em *Vertigem*, mas em outras obras do escritor. De acordo com o estudioso, desde o romance *Elsa e Helena* (1927), Gastão Cruls, “um dos

primeiros autores literários a abordar explicitamente temáticas da psicanálise na construção psíquica de seus protagonistas” (VIVOLO, 2017, p. 84), já sofreu influência da então recente publicação dos estudos de Freud no Brasil. Ainda segundo o pesquisador, em *Vertigem*, Cruls não retrata apenas uma paixão, mas um quadro clínico de possível degenerescência. Sem que haja um aprofundamento nesse aspecto, é importante apenas ressaltar que são claras e ocupam papel de destaque na obra as descrições de sintomas e termos usados por Freud, o que é perceptível a qualquer leitor que conheça minimamente a psicanálise: além do constante uso do termo *subconsciente*, conforme se pode notar na citação do livro trazida anteriormente, e da menção ao próprio Freud, o autor faz do Dr. Marcondes um médico consciente de que os sintomas apresentados por ele próprio, por seus familiares e por seus pacientes podem ter outras causas que não as fisiológicas:

Mas tornando à lembrança dos doentes recebidos naquela tarde, em bem poucos o Dr. Marcondes não lobrigaria o fundo lodoso do *inconsciente*, onde mora o eu instintivo, a refletir-se de mil maneiras sobre todo o organismo, provocando as mais disparatadas perturbações. Assim aquela senhora que lhe desfiara um longo rosário de padecimentos, mas cuja maior doença havia de estar na ideia de ver o filho querido entre os braços de uma nora que ela começava a odiar. Assim aquela moça a quem nada faltava, que tinha tudo para ser feliz, mas que já bem longe da nubilidadade, começava a fenecer e queixava-se de mil coisas à falta do que não lhe poderiam dar nem o engenho do médico nem a fortuna dos pais. (CRULS, 1934, p. 85, grifo meu)

É necessário ter em conta a admiração de Gastão Cruls, médico formado que chegou a clinicar, por Freud e suas teorias. A experiência do escritor na área, cujo interesse em se aproximar da realidade era grande<sup>5</sup>, sem dúvidas contribuiu para que a obra ganhasse em verossimilhança. Para além disso, há que se considerar também, assim como Vivolo destacou, que “tratar de inconsciente, teoria sexual e psicopatologia da vida diária é uma tentativa de penetração nas camadas sociais brasileiras, em seus âmbitos, não só aparentes, mas também ocultos, de vícios mentais, reprodutivos e quotidianos” (2017, p. 86).

No caso de *Vertigem*, essa penetração pela via da psicanálise em uma classe social específica resultou em uma obra que trata do cotidiano de uma forma mais complexa e agrada pela verossimilhança. Se os temas abordados no romance podiam já à época ser considerados batidos ou comuns, se há clichês – como a mãe de classe média alta fazer caridade para impressionar a sociedade e o pai de família trabalhar em excesso –, há também o mérito do trabalho equilibrado com vários temas (moralidade, individualismo,

---

<sup>5</sup> Segundo Vivolo (2017), o autor realizava pesquisas profundas para compor sua obra, como no caso de *A Amazônia misteriosa*, romance escrito após intensos estudos na biblioteca nacional sobre aspectos reais da flora, fauna e cultura amazônica.

psicopatologia) através de uma narrativa que não se distancia do cotidiano do homem comum. Lembremos que Lúcia Miguel, ao elencar o romance de Cruls entre os melhores de 1934, lhe atribuiu o diferencial de ter permitido ao autor integrar-se “ao drama latente e amargo do cotidiano” (PEREIRA, [1934b] 1992, p. 35).

O fato de retratar o cotidiano aproxima o livro do realismo, e a escolha por dar aos problemas causas mais profundas o torna mais dinâmico e interessante. Essa aproximação não simplificada da realidade provavelmente foi a responsável por agradar tanto Astrojildo Pereira quanto Lúcia Miguel Pereira – ainda que os críticos não tenham se aprofundado ou sequer mencionado, em suas análises, questões caras à obra de Gastão Cruls, como o uso de elementos da psicanálise na construção dos personagens e da narrativa. Afinal, a escolha do tema da desestabilização de uma família rica e à primeira vista perfeita, um problema que se estende ao âmbito social, aliada a um tratamento profundo das motivações do personagem Marcondes, sem dúvidas confere ao livro um caráter mais realista.

Ademais, tanto a opção de Gastão Cruls – e de vários outros escritores da época – por essa abordagem que se aproxima do real quanto a valorização desse traço realista pelos dois críticos demonstram o importante papel que o realismo ocupava na década de 1930. Trata-se de um período em que, de acordo com Candido (1987, p. 190), difunde-se “uma atitude de análise crítica em face do que se chamava incansavelmente a ‘realidade brasileira’ (um dos conceitos-chaves para o momento)”. Tal atitude manifestou-se também nas obras literárias, e, apesar de estar fortemente ligada à denúncia dos problemas sociais enfrentados pelo país, não se limitou apenas ao trabalho dos escritores e críticos ditos progressistas.

No entanto, essa valorização de um olhar crítico à realidade e, conseqüentemente, do realismo em literatura não se dava da mesma forma entre teóricos, como demonstrado pela forma como os dois críticos abordados nesse trabalho aderiram a ela. Para Astrojildo Pereira, a composição de um bom romance necessariamente esbarraria na representação social e histórica do momento narrado, e, nesse processo, caberia ao romancista em primeiro lugar ser honesto, ou seja, não abandonar essa fidelidade à realidade; e, em segundo, transmitir ao leitor suas sensações particulares ao fazer uma composição artística a partir do que observou do real. Não é difícil perceber que o crítico, adepto ao marxismo, atribuiu uma função materialista e política à literatura, e aos bons romancistas um engajamento inevitável com a realidade. Tanto que, na crítica a *Vidas Secas*, ele dirá ser o romancista um “intérprete da realidade”. Ressaltará, porém, que nem todos são bons intérpretes, ou seja, nem todos têm o “dom de ser romancista”, o que gera o afastamento do realismo:

Ausente este dom, aí sim, intervém o livre arbítrio, com todas as suas consequências. É o que acontece precisamente com os falsos romancistas, os quais, na sua incapacidade de interpretar o mundo vivo, pretendem 'criar' realidades fora da realidade, 'criar' vidas fora da vida: perdem-se no arbitrário e por consequência na mistificação<sup>6</sup> (PEREIRA, [1938] 1944, p. 155).

Conclui-se, então, que os escritores que se afastam da realidade demonstram não ter o dom necessário à composição literária. O realismo seria, assim, uma representação honesta e necessária da realidade – e representá-la naquele momento significava abordar a miséria das classes baixas ou a decadência da burguesia.

Lúcia Miguel Pereira, por sua vez, defendia um realismo que fosse mais abrangente do que aquele mais recorrente na época, isto é, a exposição e denúncia dos problemas sociais das classes menos favorecidas. Não era importante, sob a sua ótica, as classes altas protagonizarem os romances apenas para que se notasse sua decadência, como Astrojildo acreditava, mas porque o tratamento “mais real” dado à realidade é aquele que contempla todos os homens: “não apenas o indivíduo, em função da classe, mas a ‘pessoa’, em função da sua natureza” (PEREIRA, [1935a] 1992, p. 43). Daí sua conclusão de que o subjetivismo deve também ser incorporado a uma representação válida do real, afinal “uma ação só pode ser considerada mais real do que um sentimento por ser mais palpável” e “o realismo objetivo é, muitas vezes, uma negação da realidade integral. O real assim compreendido é apenas uma parte íntima da verdade” (PEREIRA, [1935b] 1992, p. 50).

Para a ensaísta, portanto, a literatura mais psicológica ou intimista não seria uma alienação da realidade, como alguns críticos da época acreditavam<sup>7</sup>, mas, ao contrário, uma inquietação sobre as questões postas em reflexão e, portanto, sobre uma realidade que vai além do visível, que é mais profunda. Tal forma de pensar é responsável por fazê-la exaltar os aspectos intimistas de *Vertigem* como determinantes para sua aproximação da vida e da realidade; assim como, no caso de Astrojildo Pereira, sua preferência por histórias que do seu ponto de vista revelassem a decadência da burguesia o fez ver nos conflitos da família criada por Gastão Cruis uma representação fidedigna e bem construída da realidade.

---

<sup>6</sup> Ortografia atualizada.

<sup>7</sup> Como exemplo, tem-se o crítico francês Henri Massis, a quem Lúcia Miguel Pereira dirige-se nesse ensaio com o propósito de defender que os sentimentos, assim como as ações, são representações válidas do real. Massis havia dito em seu livro *Débats* que a literatura de teor mais intimista estaria causando certo desequilíbrio em toda uma geração de escritores, sendo uma “evasão do real” (PEREIRA, [1935b] 1992, p. 50).

## CONCLUSÕES

O artigo buscou trazer, a partir de análises realizadas pelos críticos Astrojildo Pereira e Lúcia Miguel Pereira do livro *Vertigem*, indícios de como o realismo era visto na década de 1930 por esses dois críticos. Foi possível perceber que seus textos, produzidos no auge de uma polarização política e politização literária, trazem marcas das suas preferências ideológicas, as quais se manifestam quando estes escolhem ressaltar o caráter social ou intimista de uma mesma obra.

É importante ressaltar que a crítica literária, por mais que se proponha neutra, está inserida em um contexto sócio-histórico que a influencia, e é feita por sujeitos que, inseridos nesse contexto, têm distintas visões de mundo. Há que se relativizar, portanto, o ato crítico como suscetível a julgamentos parciais, o que não tira, de forma nenhuma, sua importância dentro do campo literário.

Afinal, se pensarmos no campo literário como um espaço formado por diversos agentes – escritores, leitores, críticos, editores – que interagem entre si e se influenciam, conforme define Bourdieu (1996), perceberemos o papel da crítica na validação de estilos literários, na elaboração de conceitos, na identificação de métodos. Para Durão (2016),

*historicamente, a crítica foi um agente na transformação do conceito de literatura, uma função que mantém até hoje. Ao diferenciar o que é bom do que não é, ela acaba agindo sobre o horizonte daquilo que se entende por 'literário'. As alterações no rol das grandes obras são prova disso. Cada século (hoje em dia: cada par de décadas) organiza as coordenadas daquilo que tem valor e do que não tem, e a crítica é o agente privilegiado nesse processo (p. 20, grifos do autor).*

Tendo isso em vista, merece atenção o fato de que os dois críticos valorizaram o romance de Gastão Cruls por sua aproximação com a realidade, comprovando a relevância do realismo para o período e, ao mesmo tempo, demonstrando como o conceito não é estanque – pelo contrário, é alvo de constantes apropriações e reformulações.

As diferentes percepções de Lúcia Miguel e Astrojildo Pereira sobre o realismo revelam a presença de disputas no campo literário que, via de regra, o mantém em funcionamento. Um exemplo que pode ser trazido, a partir das duas críticas ao livro *Vertigem*, é a valorização, naquele período, do conteúdo em detrimento da forma, ainda que, como Candido (1987) ressaltou, os temas e atitudes ideológicas sejam totalmente dependentes da elaboração formal para que funcionem e alcancem efetividade dentro da literatura.

Ainda assim, por não se tratar de uma questão que possa ser simplificada, pode-se dizer que Lúcia Miguel Pereira – apesar de na crítica ao romance de Gastão Cruls tratar pouco dos aspectos formais do livro – contribuiu incontestavelmente, através de seus

ensaios, para que se repensasse a elaboração formal dos personagens criados naquele período. Afinal, ao reivindicar que eles fossem mais aprofundados psicologicamente para que parecessem mais realistas, buscava demonstrar a importância de que sua construção fosse mais cuidadosa.

Todas essas questões suscitam a importância de entender cada vez mais os movimentos e disputas, de teor literário e social, que estavam em jogo em um momento histórico tão importante como a década de 1930. Não sendo este um trabalho exaustivo em relação ao tema, fica indicada a necessidade de que esse assunto seja mais aprofundado e investigado em seus diversos aspectos.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BUENO, L. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, A. A revolução de 1930 e a cultura. In: \_\_\_\_\_. **A educação pela noite: e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

CRULS, G. **Vertigem: romance**. Rio de Janeiro: Ariel, 1934.

DENIS, B. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. São Paulo: EDUSC, 2002.

DURÃO, F. A. **O que é crítica literária?** São Paulo: Nankin: Parábola, 2016.

KONDER, L. **Intelectuais brasileiros & marxismo**. Belo Horizonte, MG: Oficina de Livros, 1991.

LAFETÁ, J. L. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; ed.34, 2000.

PÉCAUT, D. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA, A. (1935). Espelho da família burguesa. In: \_\_\_\_\_. **Interpretações**. Rio de Janeiro, RJ: CEB, 1944, p. 145 -150.

PEREIRA, A. (1938). A propósito de Vidas Secas. In: \_\_\_\_\_. **Interpretações**. Rio de Janeiro, RJ: CEB, 1944, pp. 151-157.

PEREIRA, L. M. (1934a). A alma flamenga de Gastão Cruls. In: \_\_\_\_\_. **A leitora e seus personagens**: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992, p. 79-82.

PEREIRA, L. M. (1934b). O fascínio do cinema. In: \_\_\_\_\_. **A leitora e seus personagens**: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992, p. 34-37.

PEREIRA, L. M (1935a). Personagem e classe social. In: \_\_\_\_\_. **A leitora e seus personagens**: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992, p. 42- 45.

PEREIRA, L. M (1935b). A literatura interiorizada e o real. In: \_\_\_\_\_. **A leitora e seus personagens**: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992, p. 50-54.

PEREIRA, L. M (1936). Entre Pascal e Panurgio. In: \_\_\_\_\_. **A leitora e seus personagens**: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992, p. 20-22.

PEREIRA, L. M (1938). Um romance mudo como um filme de Carlitos: Vidas Secas. In: \_\_\_\_\_. **A leitora e seus personagens**: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992, p. 121 -122.

VIVOLO, V. M. **Gastão Cruls e a auscultação da sociedade brasileira**. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19885>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Título em inglês:

**DIFFERENT CONCEPTIONS ON REALISM IN THE DECADE OF 1930: THE DIFFERENCES IN THE ANALYZES OF ASTROJILDO PEREIRA AND LÚCIA MIGUEL PEREIRA THE BOOK *VERTIGEM***